

ESCAVAÇÃO DA MAMOA 1 DE OUTEIRO DE GREGOS

Serra da Aboboreira, Baião

Vítor Oliveira Jorge

0. INTRODUÇÃO

Outeiro de Gregos é uma pequena chã, situada entre 920 e 940 m. de altitude absoluta, e integrada no grande *plateau* conhecido pela designação de Serra da Aboboreira, conjunto de superfícies aplanadas localizado entre os rios Fornelo, Ovelha e Ovil, nas imediações do Marão, onde se encontram os concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses ⁽¹⁾. Nessas chãs da Serra da Aboboreira foram construídos cerca de quatro dezenas de monumentos megalíticos ⁽²⁾, distribuídos em grupos, um dos quais é precisamente o de Outeiros de Gregos, constituído por quatro mamoas ⁽³⁾, uma estrutura sub-circular que representa provavelmente os restos de um pequeno *tumulus* ⁽⁴⁾, e uma fossa aberta no saibro ⁽⁵⁾.

As escavações realizadas nestas quatro mamoas, nos anos de 1979 e 1980 ⁽⁶⁾, permitem afirmar que nos encontramos perante uma necrópole

⁽¹⁾ Sobre a Serra da Aboboreira, v. António M. Peres, «Carta Geológica na esc. 1/25.000 — nota explicativa da folha n.º 125 — Baião», rei. inédito da Junta de Energia Nuclear, 1959; A. Peinador Fernandes, «Carta Geológica na esc. 1/25.000 — nota explicativa da folha n.º 113 — Amarante», rei. inédito da Junta de Energia Nuclear, 1959; idem, O vale de fractura de Rio Fornelo — Padronelo — Amarante, *Boletim do Museu e Laboratório Geológico da Faculdade de Ciências*, vol. 8(2), Lisboa, 1960, pp.139-147; Ludgero Pilar e Peinador Fernandes, Contribuição para o conhecimento geológico da região de Amarante, «Estudos científicos oferecidos em homenagem ao Prof. Carrington da Costa», Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962, pp.543-560; C. Teixeira, Peinador Fernandes e A. Peres, «Carta Geológica de Portugal na esc. 1/50.000 — notícia explicativa da folha 10-C — Peso da Régua», Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1967.

⁽²⁾ Sobre o conjunto megalítico da Serra da Aboboreira, v. J. de Vasconcelos, Dolmen e mamoas do Monte da Aboboreira, *Portugália*, vol. II, 1908, pp.672-673; José de Pinho, Expansão da cultura megalítica no Concelho de Amarante, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, fase. 1, Porto, 1928, pp.41-74; Domingos J. Cruz, Contribuição para o levantamento do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (Concelhos de Amarante e Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Vol. I, Guimarães, 1980, pp.23-40.

⁽³⁾ V. Vítor Oliveira Jorge, Escavação das Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião)—Notícia preliminar, *Revista de Guimarães*, Vol. LXXXIX, 1979, pp.251-264.

⁽⁴⁾ V. Vítor Oliveira Jorge, Sobre uma estrutura situada na periferia da Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, vol. 2, Dez. 1980, pp.19-24.

⁽⁵⁾ V. Vítor Oliveira Jorge, Nótula sobre a fossa aberta no saibro de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Arqueologia*, vol. 1, Junho de 1980, pp.19-24.

⁽⁶⁾ A mamoa 4 foi escavada em 1980 por Maria de Jesus Sanches e Domingos de Jesus da Cruz, do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, a quem agradecemos as informações que constam desta introdução.

polimorfa, quanto à forma de implantação e quanto à tipologia dos monumentos que a compõem. Assim, as mamoaas 2 e 3 acham-se localizadas na parte central, mais saliente e destacada, do *plateau*, enquanto que as mamoaas 1 e 4 se encontram em posição marginal, no sopé de uma das elevações que delimitam a chã, estando a mamoa 4 junto a um lameiro. As mamoaas 2 e 3 são feitas em terra, que na parte central, junto da câmara, atinge uma espessura considerável (cerca de um metro em média, contando com o antigo solo enterrado sob o *tumulus*), espessura essa que era certamente maior na altura da construção (devido à compactação progressiva dos sedimentos). Esse volume tendencialmente hemisférico foi contido por um revestimento de pequenas lajes imbricadas, que superficialmente assumiu o aspecto de uma couraça, e perifericamente de uma coroa de contenção externa. Eram grandes monumentos, nitidamente destacados no terreno, certamente na intenção de serem bem vistos, de constituírem acidentes culturais impostos à paisagem. O mesmo não acontecia com os dois monumentos restantes: eram baixos, com um *tumulus* de espessura mínima, dir-se-ia que feitos para passarem despercebidos. A mamoa 4 é mais elevada de um dos lados apenas, para compensar o desnível do terreno, na área do lameiro; a mamoa 1, como veremos no decurso do presente trabalho, é também baixa, constituída, entre a câmara e o anel de contrafortagem, por um «forro» de pedras e não de terra, e o lajeado que a envolve, absolutamente horizontal, não tinha uma função estrutural, mas apenas estética e/ou ritual.

A própria arquitectura dos dólmens se ajusta às observações precedentes. Tratando-se sempre de câmaras simples, poligonais (a da mamoa 4 encontrava-se muito danificada e incompleta), elas são constituídas, nos monumentos 2 e 3, por esteios colocados ao alto, adaptados pois às formas dos *tumuli* envolventes, e contrafortados exteriormente por uma cintura de lajes imbricadas, algumas de grande porte. Ao contrário, a anta da mamoa 1 apresentasse definida por lajes tombadas, dispostas segundo o seu lado maior, e contrafortadas por outras lajes do mesmo tipo. Assim se conseguiu criar um tipo de monumento completamente diferente, «plano», mas cujo espaço sepulcral era consideravelmente maior do que o das mamoaas 2 e 3.

As implicações do que acaba de se dizer para o estudo tipológico do megalitismo do Norte de Portugal são evidentes. Longe de constituir apenas um envolvimento exterior imposto pela construção e pela necessidade de protecção das câmaras, o *tumulus* era um elemento estruturalmente solidário com aquelas, variando com o espaço sepulcral que se pretendia criar e com a concepção arquitectónica geral dos monumentos, certamente em relação com os rituais funerários e com a própria significação simbólica das sepulturas. Este facto — que corresponde à confirmação da justeza da metodologia por nós preconizada para o estudo deste tipo de estruturas ⁽¹⁾ — mostra bem a escassez dos nossos conhecimentos e o muito que ainda há a fazer no megalitismo ibérico, onde é raro existirem trabalhos voltados para os monumentos no seu conjunto. Há que refazer inteiramente todas as tipologias assentes apenas nas estruturas dolmênicas, por mais monumentais que se apresentem as obras que delas tratam.

Um dos aspectos que tem vindo a ser verificado em várias regiões megalíticas da Europa, em consequência de se realizarem escavações em

⁽¹⁾ V. do autor, Escavação de um túmulo megalítico: problemas metodológicos, *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, 1978 (manuscrito entregue para publicação em Dezembro de 1975).

área, é a complexidade de que frequentemente se revestem os monumentos. Estes são, muitas vezes, estruturas que sofreram adições, em épocas diferentes, no sentido, por exemplo, de se dar maior monumentalidade aos *tumuli* em relação, provavelmente, com a complexificação dos rituais funerários. É frequente a absorção de monumentos mais pequenos por um grande *tumululus* envolvente⁽⁸⁾, fruto talvez da influência dos «un chambered long barrows», e, por outro lado, a cobertura das estruturas megalíticas por construções de madeira, que por vezes conferem ao monumento um aspecto de «casa mortuária»⁽⁹⁾. Estas linhas de força, que representam em muitos casos tendências convergentes operando em regiões distantes, podem também ter-se verificado em Portugal, e a este respeito o estudo das regiões situadas a norte do país é decerto importante, dado o bom estado de conservação dos *tumuli* nessas áreas. Se bem que na Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, que iremos descrever, não tenhamos provas estratigráficas ou de espólio para podermos falar de uma sobreposição de épocas diferentes, não há dúvida de que estamos perante um monumento que corresponde à junção de duas ideias arquitectónicas (contemporâneas, ou sucedendo-se no tempo), a de um *tumululus* sub-circular ou elíptico envolvendo uma câmara poligonal, e a de um lajeado periférico sub-trapezoidal, que prolongou inusitadamente o monumento para leste (e que pode estar em relação com uma nova modalidade funerária ou, o que nos parece mais verosímil, com finalidades rituais em relação com o culto dos mortos ou dos antepassados), fórmula até hoje praticamente desconhecida no megalitismo ibérico. Daí a enorme importância deste monumento no abrir de toda uma nova problemática.

A Mamoa 1 de Outeiro de Gregos situa-se, como dissemos, na Serra da Aboboreira, na freguesia de Ovil, concelho de Baião e distrito do Porto, à margem e a NE do estradão que atravessa aquela Serra, ligando as estradas Baião - Porto e Baião - Amarante.

As coordenadas geodésicas do local (seg. a «Carta Militar de Portugal» na esc. de 1/25.000, folha 125 — Est. I) são as seguintes:

41° 11' 6" N. 1° 5'
33" E. Lx.

A zona em que se implanta o monumento, com uma altitude absoluta situada entre 930 e 940 m., corresponde ao sopé de uma das elevações delimitantes da chã de Outeiro de Gregos. Trata-se de uma área de acumulação de sedimentos transportados por águas de escorrência, nas proximidades de um lameiro que lhe fica a nordeste, e em cuja margem se localiza a Mamoa 4.

Antes dos trabalhos o local estava coberto por vegetação rasteira (tojo, fetos, gramíneas), apenas aflorando algumas lajes da câmara, alguns dos blocos pertencentes ao anel lítico de contrafortagem da mesma e, a cerca de 5 m. para ESE da câmara, duas lajes fincadas no solo cuja relação com as restantes estruturas não era clara. Nas proximidades da câmara encontrava-se um grande bloco tombado (Est. V, 1) que, tal como outros que se acumulam numa pequena colina a sul, deve ter sido ali colocado aquando da construção (ou reconstruções) da estrada.

⁽⁸⁾ Cf., por ex., a respeito dos monumentos da Escócia, «Current Archaeology», n.º 34, Set. 1972.

⁽⁹⁾ V., por ex., P. Pétrequin e J.-F. Piningre, Les sépultures collectives mégalithiques de Franche-Comté, *Gallia-Préhistoire*, t.19, fase. 2, 1976, pp.287-381; O.-J. Bocksberger, «Le Site Préhistorique du Petit-Chasseur (Sion, Valais)», 4 vols., Lausanne, Bibliothèque Historique Vaudoise, 1976-78, Cahiers d'Archéologie Romande, n.ºs 6, 7, 13 e 14.

As escavações foram realizadas, sob direcção do signatário, de 15 de Julho a 31 de Agosto de 1980. Colaboraram nos trabalhos estudantes das Universidades do Porto, Coimbra, Lisboa e Santiago de Compostela; participaram também elementos do «Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto», o Dr. Antón Casal, do Instituto de Estudos Galegos Pe. Sarmiento, de Santiago de Compostela, e o Dr. Bend Oesterwind, da Universidade de Bona. Estagiaram ainda nas escavações vários licenciados em Arqueologia, da Galiza ⁽¹⁰⁾.

1. METODOLOGIA DA ESCAVAÇÃO

Os métodos por nós empregados nas escavações dos monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira (Mamoas 3 de Outeiro de Ante —1978 —, Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos —1979 — e Mamoas 1 de Outeiro de Gregos —1980) têm, como é natural, evoluído ao longo do tempo, dentro de parâmetros gerais que sempre nos pareceram os correctos.

Assim, na Mamoas 3 de Outeiro de Ante realizámos a decapagem total do *tumulus*, levantando a respectiva planta e procedendo, depois, à completa escavação, por decapagens sucessivas, de um dos quadrantes. Foram também abertos dois sectores de escavação perpendiculares entre si, encontrando-se na câmara, com o fim de se conhecer melhor a estratigrafia de todo o monumento ⁽¹¹⁾. A escavação completa, até ao solo de base, de um dos quadrantes impôs-se por se tratar de um primeiro trabalho e necessitarmos de conhecer exaustivamente o conteúdo da mamoa e seu processo de construção. Tratava-se, então, de um monumento do tipo das mamoaas 2 e 3 de Outeiro de Gregos, que definimos na introdução.

Nestes dois últimos monumentos realizámos uma decapagem completa, mais extensa, mais atenta ao contorno periférico dos *tumuli*, e seu contacto com o granito da base. Mas a escavação circunscreveu-se já a dois troços perpendiculares, ortogonais, encontrando-se nas câmaras, e alargando-se depois em torno destas, para melhor conhecimento das respectivas estruturas (esteios e contrafortes envolventes) (v. op. cit. na nota 3).

Para a Mamoas 1 de Outeiro de Gregos planeámos, após levantar a planta do local antes dos trabalhos, decapar e escavar apenas dois troços em forma de cruz, encontrando-se também na câmara, que igualmente seria escavada, como se impunha. Assim fizemos do lado WSW do monumento, deixando a parte restante como testemunho para os arqueólogos

⁽¹⁰⁾ Visitaram as escavações, permitindo frutuosa discussão, entre outros, o Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto, a Dr.^a Araceli Colliga, do Museu de Barcelona, e o Dr. Gérard Sauzade, da Direction des Antiquités Préhistoriques de Provence— Côte-d'Azur.

Agradece-se à Câmara Municipal de Baião, e nomeadamente ao seu Presidente, Sr. Abel de Castro Ribeiro, a ajuda financeira e logística prestada aos trabalhos, bem como à Assembleia Distrital do Porto, ao Senhor Governador Civil do Porto, Sr. Coronel Rocha Pinto e ao Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, particularmente na pessoa do seu Delegado no Porto, Sr. Dr. Nelson Cardoso, que transformou as escavações da Aboboreira num Campo de Trabalho do FAOJ, garantindo assim a efectivação das pesquisas.

O Instituto Português do Património Cultural, a quem foi solicitado um subsídio, entendeu responder ao mesmo com um silêncio total.

⁽¹¹⁾ V. Vítor Oliveira Jorge, Escavação da Mamoas 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Concelho de Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, 1980, pp.41-69.

vindouros. Mas a decapagem do sector ESE estendeu-se até ao estradão, dado o prolongamento das estruturas (lajeado) não só até às grandes lajes fincadas (o que de certo modo já se esperava), mas bastante para lá delas, o que nos obrigou a desviar a estrada mais para leste, com a colaboração da Câmara Municipal de Baião. A importância desse prolongamento, de que logo nos apercebemos, implicou a decapagem em área de todo o lado ESE do monumento, permitindo a compreensão da estrutura periférica que aí se encontrava. Esta foi depois escavada, entre as lajes fincadas e a estrada, até ao saibro, o que conduziu à descoberta dos fragmentos de um vaso genericamente tronco-cónico, com mamilos, e de uma série de «buracos» intencionalmente abertos na superfície do saibro, provavelmente para a implantação de postes.

2. RESULTADOS

2.1 *O monumento — as estruturas «centrais» e a estrutura periférica*

A Mamoa 1 de Outeiro de Gregos é constituída pela estrutura megalítica, formada por um dólmen simples rodeado do seu *tumulus*, contrafortado por um anel de blocos de pedra, por sua vez envolvido por um lajeado horizontal, e por uma estrutura periférica, disposta na parte terminal, ESE, do monumento, o qual, nesta zona, assume a forma de um prolongamento sub-trapezoidal.

A câmara dolménica (Est. XI) é de planta sub-pentagonal, com uma diagonal de cerca de 2 m., certamente definida, na origem, por cinco esteios, quatro apenas dos quais se encontram *in situ*. Os esteios 1, 2 e 4 são de pequenas dimensões (c. de 85 cm. de largura máxima no esteio 2, cerca de 1,30 m. no esteio 4), mas o esteio 2 está escorado por uma grande laje inclinada, com cerca de 2,30 m. de largura máxima. Ao contrário, o maior esteio, n.º 3, que tem uma largura máxima de 2,24 m., encontra-se contrafortado exteriormente por duas lajes de menor porte. No lado NW da câmara falta o que seria o esteio 5, estando porém ainda *in situ* as pedras a que deveria ter estado encostado; uma laje encontrada no fundo da câmara, cujas dimensões se adaptavam perfeitamente a esse espaço vazio, deveria corresponder a tal esteio. A WNW da câmara observa-se uma outra laje, que decerto escorava os esteios 4 e 5. Os esteios têm todos uma acentuada inclinação para o interior, com o fim de diminuir as dimensões da cobertura, mas o esteio 1 estava particularmente tombado, crendo nós que essa não seria exactamente a sua posição original; menos bem escorado, esse esteio deve ter-se inclinado ligeiramente para dentro. Não foi encontrada a tampa, muito embora algumas lajes tombadas na zona W do monumento pudessem, eventualmente, corresponder a fragmentos da mesma.

O espaço interior da câmara era pouco elevado (Est. XII, 1). Teria bem menos de um metro de altura, admitindo que o piso interior, que não foi detectado, estava a um nível acima do granito da base; não permitia pois a presença de um indivíduo de pé. Apesar do peso imaginável da laje de cobertura, pensamos que os sucessivos enterramentos se deveriam fazer por cima, deslocando lateralmente essa laje. Também não sabemos se esta se apoiava apenas nos esteios propriamente ditos, ou lajes interiores, se também nos contrafortes, ou lajes exteriores. A rocha de base não sofreu qualquer tratamento especial na área da câmara, havendo uma pequena camada de terra (cerca de 10 a 25 cm. de espessura) entre a base dos esteios e lajes de contrafortagem e o granito alterado. Significa isto, pois, que os esteios não foram implantados em cavidades abertas

na rocha, mas se encontravam pousados na terra, a certa distância da dita rocha, o que certamente exigiu todo o sistema de contrafortagem exterior observado. Trata-se de um modelo arquitectónico rudimentar, mas que funcionou bem, para o tipo de câmara baixa que se pretendeu criar; o que é um facto é que se trata talvez da câmara mais bem conservada entre as sete escavadas até ao presente na Aboboreira.

O enchimento da câmara era constituído por um autêntico entulho de grandes blocos e lajes tombadas (Est. X, 1), em disposição caótica, certamente resultantes das sucessivas violações. Nos interstícios desses blocos, havia terra vegetal pouco compacta, com abundantes raízes. O piso rochoso da câmara, de superfície irregular, diaclasada, apresentava, no fim da escavação, algumas pequenas pedras, resultantes da alteração do granito. Não foram observadas pedras de escoramento na base interna dos esteios.

Em torno da câmara, e a uma certa distância desta, dispõe-se um anel constituído por grandes blocos graníticos, normalmente com uma face mais lisa, mais regular, virada para o exterior. Esse anel, formado, à superfície, por cerca de uma vintena de blocos, delimita uma área sub-elíptica, com um eixo maior de cerca de 7, 20 m. no sentido WNW — ESE e com um eixo menor de cerca de 6 m. no sentido oposto. Em relação a essa área, a câmara acha-se descentrada (característica observada nos restantes monumentos por nós escavados), mais próxima do anel do lado NNE, do qual dista apenas cerca de 1,60 m., enquanto que do lado SSE, por exemplo, dista cerca de 2,60 m. Este anel tem, em média, uma altura de cerca de 40 cm., conseguida com uma só fiada de blocos quando estes são suficientemente altos, ou com duas, quando a altura das lajes componentes é menor; ele assenta sobre uma camada de terra vegetal com cerca de 20 cm. de espessura em média (Est. VII). Nítido dos lados SSW, ESE e NNE, o anel parecia interromper-se do lado WNW, no momento em que esta zona se encontrava ao nível da primeira decapagem (ou seja, após ter sido retirada a camada de terra vegetal, com 10 a 20 cm. de espessura). Porém, tendo prosseguido a escavação, viu-se nitidamente a continuação do anel lítico nessa área, através de uma grande laje que constituía a base do mesmo (Est. IX, 1, primeiro plano), disposta segundo uma direcção perfeitamente concordante com a orientação geral do anel. Essa laje também se encontrava pousada sobre um nível de terra vegetal com cerca de 20-25 cm. de espessura.

A área situada entre a câmara e o anel lítico, ou *tumulus* propriamente dito, era «ferrada» por uma acumulação de lajes e blocos graníticos, por vezes de grande porte (v. grande laje existente no sector WNW, (Est. IX, 1), em disposição mais ou menos caótica, cujos interstícios eram preenchidos por terra vegetal com bastantes raízes. A superfície, essas lajes e blocos formavam um revestimento de aspecto convexo, descendo da parte superior dos esteios ou lajes de contrafortagem até ao anel lítico, embora com um declive pouco acentuado. Esse enchimento, destinado a escorar a câmara, tinha uma altura média de 50-60 cm., e assentava por sua vez sobre uma camada de terra vegetal castanha de cerca de 30 cm. de espessura. Essa camada, que repousava directamente no saibro, apresentando-se por vezes na sua base misturada com areão resultante da arenização do granito, não foi depositada pelos construtores, mas corresponde a um nível pré-existente no local e que tem a sua continuidade no exterior do monumento, como se vê pelos cortes da escavação (por ex., Est. IX, 2 camada 2). Obviamente que tal nível se não pode comparar com os solos pré-históricos enterrados sob as mamoadas 2 e 3, pois nestas uma espessa camada de terras depositada pelos construtores isolou de algum modo esses solos, estancando até certo ponto a sua natural evolução, o que não

podia ter-se dado sob a estreita e caótica estrutura de blocos do *tumulus* da Mamoa 1.

Em torno do *tumulus* propriamente dito, constituído pela câmara, anel exterior, e «forro» intermédio, dispõe-se um lajeado horizontal com cerca de 2,40 m. de extensão (zonas NNE, WNW e SSW), em cuja periferia se notam alguns grandes blocos, que certamente serviam de amparo a esse lajeado mas que, todavia, não definem um limite nítido e contínuo. Tal facto pode dever-se a deslocações desses blocos em relação à sua posição original, dado não se encontrarem profundamente enterrados no solo antigo, mas certamente quase que pousados à superfície, delimitando apenas grosseiramente o lajeado. Tal lajeado encontra-se na base da camada superior de terra vegetal castanho-escura, com cerca de 30 cm. de espessura média (contando com a espessura de terras removidas pela decapagem superficial), e sobre uma camada de terra castanha, menos humosa, e com elementos de saibro, já referida, com espessura idêntica (v., por ex., Est. IX, 2, C. 1 e 2). Estas observações são válidas para a parte do monumento oposta à estrada — que designaremos genericamente parte oeste —, já que na parte restante e lajeado se estende, sem solução de continuidade (tanto superficial, como estratigraficamente), para formar um prolongamento sub-trapezoidal que contém a estrutura periférica. A inexistência dessa solução de continuidade impede-nos de definir uma ordem cronológica na construção, tendo de se pôr, como muito verosímil, a hipótese da contemporaneidade da mamoa propriamente dita e do seu prolongamento leste. O único acidente notado no lajeado, aliás perfeitamente localizado, foi um arco de círculo constituído por quatro pequenas pedras, situado no A8, a meia distância entre o anel lítico e as duas grandes lajes fincadas do A9; o seu carácter isolado impede-nos de lhe atribuir outro sentido que não seja o de corresponder a uma orla momentânea de uma construção que parece ter sido contínua.

De facto, a técnica de construção de todo o lajeado é idêntica, tanto na área que envolve o monumento megalítico, a oeste (presumivelmente sub-elíptica), como no prolongamento sub-trapezoidal leste: pequenas lajes ou blocos, mais grosseiramente justapostos ou encostados uns aos outros do que imbricados, constituindo como que um pavimento irregular de pouca espessura, deixando numerosos pequenos interstícios, preenchidos com terra, entre os elementos que o constituem.

Qual a função de um tal lajeado? Em torno do monumento megalítico, ele só poderia ter uma finalidade estética e sobretudo ritual: demarcação simbólica do espaço sepulcral em relação ao espaço natural envolvente (delimitação dos espaços sagrado e profano), e eventualmente lugar de circulação durante a realização de cerimónias fúnebres, ou em relação com o culto dos antepassados. Na área que envolvia a estrutura periférica, a sua função foi certamente idêntica; criar um espaço de circulação que estabelecesse a transição entre um interior «sagrado» e o exterior profano. Mas, no interior da mesma estrutura, que descreveremos em seguida, a significação do pavimento tem de ser discutida em relação com as possíveis funções dessa «construção».

Aquilo a que chamamos «estrutura periférica» é definido por um conjunto de acidentes no pavimento, que introduzem discontinuidades na leitura da sua superfície e demarcam um pequeno espaço sub-rectangular situado na extremidade este do monumento globalmente considerado. Em primeiro lugar, temos duas lajes dispostas verticalmente, no A9, com cerca de 50 cm. de altura média acima do lajeado, colocadas na direcção NNE-SSW, e deixando entre si um pequeno espaço preenchido por pedras de reduzidas dimensões, e acentuado, em altura (não sabemos se intencionalmente) por uma depressão da parte superior da laje situada

a NNE. Essas pedras assentavam numa pequena camada de terra vegetal, com cerca de 20 cm. de espessura, e encontravam-se amparadas, de um lado e de outro, pelo próprio lajeado, que a elas se encostava.

Para ESE destas lajes dispunha-se um espaço sub-rectangular, claramente delimitado a NNE e N por uma «parede» baixa de sete lajes pousadas sobre uma das faces maiores, continuada, a este, por uma estreita laje colocada verticalmente e, a ESE, no A11, por uma laje deitada, de grandes dimensões (c. de 1,95 m. de comprimento máximo por 0,72 m. de largura máxima). A NNE, a face externa dessa «parede», com 20 a 30 cm. de altura, e formando uma linha regular de 2,20 m. de extensão, lembrava a morfologia do anel lítico que envolve a mamoa propriamente dita, e assentava numa camada de terra vegetal em contacto com o saibro, com abundantes raízes, de cerca de 20 cm. de espessura. Para WNW e SSW, essa delimitação com lajes não era tão nítida, nem formava uma linha contínua, como acontecia nas zonas anteriormente referidas. Apenas algumas lajes situadas a SW poderiam representar a continuação do limite do recinto. Por outro lado, o lajeado não apresentava descontinuidades que pudessem corresponder à implantação de postes de uma eventual estrutura em madeira que tivesse coberto a área, e na zona de saibro adjacente ao lajeado esses vestígios também não existiam, pelo menos na área escavada. Acrescente-se que a disposição geral do lajeado se orientava genericamente para leste, e que na sua periferia se notavam reentrâncias semi-circulares de significado difícil de definir e que lembravam reentrâncias idênticas, embora de maior dimensão, existentes na Mamoa 2.

Pensámos, de início, que a grande laje deitada, a leste (A11) poderia ter estado originalmente colocada na vertical, sobre um dos bordos maiores, e que teria tombado sobre a estrutura do lajeado. A continuação da escavação demonstrou o contrário; levantada essa laje, na sua base existia apenas a terra vegetal subjacente a todo o lajeado (neste caso, com abundantes carvões, por vezes de grande porte), e algumas pedras na periferia ESE da mesma serviam para assegurar a sua estabilidade, na posição horizontal. Essa laje encontrava-se pois *in situ*, parecendo representar a «entrada» no recinto sub-rectangular descrito. Um aspecto curioso a registar, é o de que um eixo, situado aproximadamente na direcção ESE--WNW, que passasse, *grosso modo*, pelo centro desta laje, e pelo interstício das duas pedras verticais do A9, atravessaria aproximadamente o centro da câmara dolménica.

Se aquele recinto existia apenas ao nível do piso pétreo, ou se era coberto por uma superestrutura em madeira, tão frequente no megalitismo de outros países da Europa, a que aludimos de início, não sabemos. Tratar-se-ia de um recinto meramente destinado à realização de rituais, ou de um espaço funerário adjacente ao monumento megalítico? Com o fim de tentar elucidar esta questão, procedemos à escavação, até ao saibro, de toda esta área. Retiradas as pedras do pavimento, decapámos uma camada de terra vegetal, com abundantes raízes, tendo encontrado, no A10 e, em parte, no A11, os fragmentos *in situ* de um vaso (ou parte de vaso) de bordo medianamente largo, com asa e mamilos, partido no local (figs. Est. XVI, 2, e XVII, 1 e 2). Dizemos parte de vaso porque, apesar da minuciosa decapagem ter recuperado todos os fragmentos, estes correspondem a menos de metade da massa total do recipiente, levando-nos a pôr a hipótese desse vaso ter sido aí colocado não inteiro, mas já fragmentado, com um sentido portanto ritual; a não ser que o carácter friável da pasta tivesse ocasionado a pulverização dos fragmentos em falta, mas não vemos a razão pela qual isso teria acontecido a uns fragmentos e não a outros. Esse vaso, que se encontrava numa posição quase central relativamente

à área do recinto, teria aí sido colocado como oferenda em homenagem aos mortos depositados na câmara megalítica? Ou acompanharia um enterramento secundário praticado nesse recinto, sob o lajeado? A escavação não nos deu dados para podermos responder a esta importante questão. Deve dizer-se que a segunda hipótese não é de todo inverosímil, dado que, tendo-se atingido o saibro, se verificou que a sua superfície era irregular, e ligeiramente depressionária numa zona sub-rectangular que abarcava grande parte do A10 e parte do A11, onde podia ter sido depositado um corpo; mas a nossa esperança de ver aí surgir uma fossa, ou uma sepultura aberta no saibro do tipo das do Tapado da Caldeira foi vã, pelo que continuamos a achar mais provável que este recinto periférico corresponda a finalidades de tipo ritual, em relação com a mamoa propriamente dita, quer ele tenha feito parte do programa construtivo inicial, quer corresponda a um acrescentamento posterior perfeitamente articulado, em termos estruturais, com o *tumulus* «central». O que já é mais provável é que, antes da colocação do lajeado (sobre o qual não foi encontrado qualquer espólio) tenha existido no local (isto é, na área leste do monumento) uma construção em madeira, suportada por postes cujos buracos foram encontrados (Est. XVIII, 2), sendo uns inequívocos, outros prováveis. Um destes vestígios era duplo, com um buraco principal e outro mais pequeno nas suas proximidades (Est. XIX, 1), parecendo corresponder a um poste e sua escora lateral ⁽¹²⁾. Tratar-se-ia de vestígios de uma cabana sub-rectangular ou sub-elíptica? Pertenceriam a tal hipotético habitat os três pequenos fragmentos de bordos de vasos cerâmicos, medianamente largos, encontrados na área, e mesmo, eventualmente, o vaso mais completo descoberto no A10-A11? É outra hipótese que também não podemos afastar.

Melhor do que todas as nossas tentativas de descrição linear, a planta da fig. 21 dará uma ideia do conjunto do monumento. Se abstrairmos de possíveis estruturas em madeira que pode ter contido, ele era uma construção bem plana, que quase se confundia com a zona baixa em que se encontrava implantada, mas que constituía um cenário (com o seu lajeado e paredes de blocos provavelmente à vista) propício à realização de cerimónias que deveriam exceder, em tempo e importância, as que acompanhavam a deposição dos cadáveres no túmulo. Mais uma vez, na expressão do autor britânico, «a tomb for the living». Mas toda essa vida que, há milhares de anos atrás, animava aquele cenário hoje ermo, apenas pode ser por nós imaginada.

⁽¹²⁾ Buracos de postes com estrutura semelhante foram detectados nas escavações de 1980 na estação do Monte Calvo, também na Serra da Aboboreira (agradecemos esta informação do Dr. A. A. Huet de Bacelar Gonçalves).

2.2 Espólio e amostras recolhidos

O espólio recolhido, tanto na mamoa propriamente dita, como na sua estrutura periférica, pode sintetizar-se neste quadro:

	MAMOA	EST. PERIFÉRICA
Esp. Cerâmico	* 14 fragmentos, provavelmente de um mesmo vaso de paredes finas e pasta compacta, sendo um deles da zona de bordo	* vaso genericamente tronco-cónico, de bordo largo, asa e mamilos, muito fragmentado (34 fragmentos principais e cerca de 30 mais pequenos)
	1 pequeno fragmento da parede de um vaso	* 3 fragmentos de bordos, medianamente largos, de vasos
	• 2 fragmentos de paredes de vasos com vestígios de polimento	4 fragmentos de paredes de vasos (três deles com vestígios de polimento)
Esp. Lítico	• 1 grande lasca (de seixo rolado?) de quartzito. frustemente retocada (raspador)	
	1 fragmento residual de quartzo hialino com retoques muito irregulares	
Esp. Metálico	* 1 peça metálica (prata), em forma de espiral	—
TOTAIS	20	71

Iremos descrever em seguida os materiais que, no quadro acima, se encontram antecidos de um asterisco (cotas referentes ao nível 0, correspondentes ao topo do esteio mais alto da Mamoa 2).

MAMOA

—14 fragmentos, provavelmente de um mesmo vaso de paredes finas e pasta compacta, sendo um deles da zona do bordo.

Localização : encontrados no interior da câmara, parte no A6 (1-5, 12-14) e parte no N6(6-11). Treze dos fragmentos provêm de um nível de terra vegetal muito revolvida, situado sob as primeiras lajes do entulho da câmara (prof. média — 2,60 m.); um apenas foi encontrado bastante mais abaixo (prof. — 3 m.) também sob lajes e pedras do entulho. A posição superficial da maioria destes fragmentos indica estarem relacionados provavelmente com uma violação, ou com um enterramento secundário, e não com a utilização primária do monumento.

Dimensões : esp. média — 0,4 cm. Comprimento e largura máximos: do maior — 3,5 cm; 2,5 cm; do menor — 0,9 cm; 0,8 cm.

Pasta com textura compacta, e desengordurante constituído por pequenos grãos de quartzo e palhetas de mica de dimensões reduzidas. Superfícies alisadas, um pouco rugosas ao tacto. O pequeno fragmento de bordo, partido na zona do lábio, que é arredondado e levemente extrovertido, apresenta na base deste, e na superfície exterior, um sulco que o delimita e, por debaixo, três outros pequenos sulcos, muito ténues, paralelos ao bordo.

— 2 fragmentos de paredes de vasos com vestígios de polimento.

Localização : do maior — no fundo da câmara (A6), à profundidade de 3,48 m. Outras coordenadas: x (distância em relação ao lado NNE do quadrado) —0,73 m; y (distância em relação ao lado ESE do quadrado) —1,05 m. Foi encontrado em contacto com o granito da base, sob blocos tombados. Do menor — no exterior da câmara, do seu lado NNE(B6), à profundidade de 2,70 m., sob as pedras que enchiam o espaço entre o esteio e o anel lítico de contrafortagem exterior. Outras coordenadas — x —1,90 m; y — 0,80 m. Pela sua posição, é provável que ambos os fragmentos sejam coevos de construção do monumento, o maior pertencente às oferendas funerárias depositadas na câmara, o menor perdido durante a construção do pequeno *tumulus*. É interessante notar que se trata de vasos tecnicamente muito diferentes dos outros vasos encontrados tanto na câmara como na estrutura situada a ENE, e que lembram, pela sua pasta e acabamento das superfícies, fragmentos recolhidos em torno da câmara da Mamoa 3 de Outeiro de Gregos, nas terras *in situ* do *tumulus*.

Dimensões : do maior — comp. máx. — 4,2 cm; larg. máx. — 4,7 cm; esp. máx.—0,8 cm. Do menor — 2,7 cm; 2,6 cm; 0,6 cm.

Pasta com textura compacta, e desengordurante constituído por grãos de quartzo de calibre médio, e palhetas de mica de calibre pequeno e médio. Superfícies com vestígios de polimento, macias ao tacto.

— 1 grande lasca (de seixo rolado?) de quartzito, frustemente retocada.

Localização : no exterior do monumento propriamente dito, no A4, sob pedras tombadas correspondentes aos esboroamentos do lajeado do *tumulus*, na camada de terra vegetal que cobre o granito alterado (prof. 3,63 m.). Trata-se provavelmente de um artefacto sem qualquer relação com o monumento megalítico, e articulável com materiais de morfologia «paleolítica» encontrados aquando da abertura de sondagens em torno da fossa de Outeiro de Gregos (¹³).

(¹³) A matéria-prima desta lasca retocada da Mamoa 1 foi analisada pelo Dr. A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, cuja colaboração agradecemos, transcrevendo de seguida o seu resultado: «Este utensílio foi obtido a partir de um quartzito, rocha sedimentar maciça de grão fino, cor negra ferruginosa, brilho baço e fractura irregular. Esta rocha é constituída quase totalmente por grãos de quartzo. A matriz está ausente e os grãos, com dimensão constante, conferem-lhe uma boa calibração. A rocha, no seu aspecto geral, exhibe ao microscópio uma textura orientada devido ao arranjo preferencial dos grãos de quartzo. A cor escura é devida à presença de abundantes e microscópicos cristais de um mineral opaco, que dada a coloração da amostra de mão faz crer num óxido de ferro.»

Os retoques concentram-se na parte superior esquerda do bordo, no anverso e reverso (raspador).

Dimensões: comp. máx. — 8,5 cm; larg. máx. — 5,4 cm; esp. máx. — 2,3 cm.

— *1 peça metálica (prata) em forma de espiral* (¹⁴)

Localização: na base da câmara (A6), à profundidade de 3,15 m., sob uma pequena pedra, e em contacto com o granito do substracto. Outras coordenadas: x —1,30 m; y —1,62 m.

Dimensões : comp. (da peça, tal como se apresenta, e não do arame que a forma) —4,7 cm; esp. máx. de arame — 1 mm. Peso (média de duas pesagens) — 2,1057 g.; densidade — 8,44.

Trata-se de um arame de prata, de secção elíptica, terminando em ponta fina em ambas as extremidades, em forma de espiral, achatado e até parcialmente dobrado, devido ao peso do enchimento da câmara sob o qual se encontrava (Est. XVI, 1, A). Escapou certamente aos violadores, graças ao facto de ter ficado escondido sob uma das pedras do fundo. Apresenta uma superfície de cor cinzento-escura (pátina de alteração superficial).

Esta espiral recorda uma peça muito semelhante, e igualmente de prata, embora mais pequena, encontrada por C. A. Brochado de Almeida na Mamoinha do Monte da Cerca (freguesia de Vila Chã, Concelho de Esposende) (Est. XVI, 1, B), junto à base de um dos esteios da estrutura dolménica (¹⁵).

A descoberta deste tipo de peças (que, sendo características do Bronze Antigo, e em particular da sua primeira fase —1.800 -1.700 a.C —, podem ter tido larga perduração) (¹⁶), em monumentos megalíticos, vem demonstrar mais uma vez a permanência da utilização de tais monumentos em épocas tardias (se é que certos desses monumentos não foram construídos em plena Idade do Bronze, hipótese que não podemos afastar, sobretudo em regiões como o Noroeste peninsular). Na Serra da Aboboreira tinham já sido encontrados fragmentos de vasos campaniformes na Mamoa 2 de Outeiro de Ante (¹⁷), vasos esses cuja cronologia poderá ser tardia nestas regiões, relativamente à de outras zonas peninsulares. Ora, sabemos que o vaso campaniforme e os elementos culturais que o acompanham constitui o fundo de que arranca todo o Bronze Antigo do Ocidente peninsular (¹⁸), e que certos elementos persistem nessa época, como o mostra, por exemplo, entre

(¹⁴) Agradecemos ao Dr. A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, e ao Eng.º António Vieira, da Faculdade de Engenharia do Porto, a análise sumária da peça, que vai ser submetida a um exame mais rigoroso no Serviço de Fomento Mineiro, da mesma cidade.

(¹⁵) geg. um relatório inédito apresentado por aquele investigador à Faculdade de Letras do Porto (Cadeira de Pré-história Peninsular), quando ainda aluno da mesma Faculdade (1976). O monumento megalítico em causa parece ser uma anta de corredor indiferenciado.

(¹⁶) Seg. Marisa Ruiz-Gálvez Priego, El Bronce Antiguo em la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización, *Trabajos de Prehistoria*, Vol. 36, 1979, pp.158 e 159. Idêntica cronologia é atribuída a peças em espiral simples semelhantes, embora em ouro, do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, no catálogo da exposição «Tesouros da Arqueologia Portuguesa» (1980), organizada por esse Museu.

(¹⁷) Agradecemos esta informação a A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, autor da escavação (1979).

(¹⁸) **Op. cit.** na nota 16, p.152.

muitos outros, o espólio da cista de Atios (Porrino, Pontevedra) ⁽¹⁹⁾. Há assim todas as razões para pensar que o megalitismo (se não ao nível da construção, pelo menos da utilização) teve uma longa vigência na Serra da Aboboreira, estabelecendo uma ligação sem soluções de continuidade com a importante ocupação da periferia da Serra, que se processou ao longo, possivelmente, de toda a Idade do Bronze (Monte Calvo, Tapado da Caldeira, Alto da Caldeira). Embora seja de admitir que o progresso tecnológico dessa Idade do Bronze permitiu ao homem a fixação em solos mais profundos e trabalhosos dos vales, não há dúvida de que, pelo menos durante o Bronze Antigo, se manteve a tradição de enterrar nos monumentos megalíticos do *plateau* superior da Serra, até ao momento em que o individualismo e a hierarquização social crescentes levou ao seu abandono definitivo, e à criação de formas de enterramento mais discretas (cistas, sepulturas alongadas abertas no saibro, talvez fossas).

Convém acrescentar que, dadas as condições em que foram encontradas as duas espirais de prata portuguesas acima citadas (na Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, no fundo de uma câmara profundamente violada e entulhada, na Mamoinha do Monte da Cerca, no decurso de uma operação de salvamento de um monumento recém-violado por populares, que revolveram o seu enchimento), não podemos ter a certeza de que, originalmente, se apresentassem como peças simples — sendo então interpretáveis como anéis, e assumindo um carácter mais tipicamente arcaico, situável a partir da primeira fase do Bronze Antigo, como referimos — ou como elementos de uma jóia mais complexa, do tipo, por exemplo, da de Antas de Ulla (Museu de Pontevedra), onde, de uma argola de prata, pendem seis cadeias de cinco espirais cada uma, do mesmo metal. Tratar-se-ia, neste caso, de um adereço já atribuível, pelo menos, a uma segunda fase da Idade do Bronze Antigo (1.750 a.C —c. 1600 a.C.) ⁽²⁰⁾.

ESTRUTURA PERIFÉRICA

— *vaso genericamente tronco-cónico, de bordo largo oblíquo, asa e mamilos.*

Localização: este vaso foi encontrado em estado de grande fragmentação, concentrando-se a maior parte dos fragmentos no A10, em torno de um ponto central com as seguintes coordenadas: x —1,38 m; y — 0,24 m; z — 3,06 m. (Est. XVI, 2). Era visível o facto de o vaso (ou parte de vaso, uma vez que apesar da minuciosa decapagem — Est. XVII, — apenas foi possível recuperar uma porção correspondente a menos de metade do mesmo) se encontrar esmagado sob as pedras do lajeado, a meia altura entre este e o saibro de base, na camada de terra vegetal, com abundantes raízes, e com cerca de 20 cm. de espessura, que enchia esse espaço. Alguns fragmentos, pequenos, foram encontrados na área adjacente do A11.

Além de cerca de 30 fragmentos de menores dimensões, são de destacar 34 fragmentos, alguns dos quais admitiram colagem, permitindo definir a forma geral aproximada do vaso (Est. XVII, 2).

⁽¹⁹⁾ V. Acuña Castroviejo, Alvarez Blasquez e Garcia Martinez, Cista y ajuar funerario de Atios (Porrino), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, vol. XXV, fasc. 75, 1970, pp.20-36.

⁽²⁰⁾ V. op. cit. no nota 16, pp.160-163.

Trata-se de um recipiente com um diâmetro, na boca, de cerca de 13,5 cm., e um bordo largo, oblíquo (inclinado para o interior), com cerca de 2 cm. de largura. As paredes do vaso são espessas (entre 7 mm. e 1 cm.), e descrevem um perfil sinuoso, ligeiramente convexo, mas tendendo para o tronco-cónico. A cerca de 4 cm. do bordo, estendia-se uma fiada de mamilos (um num fragmento maior, que figura no desenho, outro num fragmento mais pequeno), com cerca de 1 cm. de espessura, e extremidade arredondada. O vaso tinha um fundo plano, com cerca de 7 cm. de diâmetro, e considerável espessura (c. de 1,5 cm. em média). A sua altura máxima era de cerca de 13,7 cm. O vaso possuía também uma asa de inserção sub-vertical, com cerca de 4 cm. de altura, 2,5 cm. de largura na zona média, e secção-sub-rectangular.

A pasta é de textura friável, com desgordurante composto por elementos de quartzo de grande calibre, e palhetas de mica. As superfícies são muito rugosas ao tacto, devido à sua intensa alteração, que pôs em destaque os grossos grãos de quartzo da pasta, mas evidenciam vestígios de polimento, nomeadamente no mamilo que figura do desenho (Est. XVIII, 2), na asa, e na superfície exterior do fundo.

A descoberta deste vaso, com as características morfológicas apontadas, precisamente na estrutura periférica, é de grande importância. Realmente, ele faz parte de uma extensa «família» de formas, característica do Noroeste peninsular, que pode radicar-se nos vasos tronco-cónicos dos megálitos da Beira Alta (Pedra da Orca dos Juncas, Vila Nova de Paiva; Orca de Forles, Sátão; Orca do Tanque, Carvalhal, Vila Nova de Paiva—⁽²¹⁾—; Carapito III, Aguiar da Beira—⁽²²⁾—) e ter um dos seus representantes mais evoluídos no vaso da sepultura II do Tapado da Caldeira (Baião)⁽²³⁾, presumivelmente da Idade do Bronze Final. Em muitos dos vasos dessa «família» está presente a decoração plástica com mamilos, e a asa de inserção vertical, na parte superior do vaso⁽²⁴⁾; trata-se normalmente de vasos de feitura tosca, de paredes espessas e pasta pouco homogénea. Está em curso um inquérito sistemático desse tipo de formas⁽²⁵⁾, mas, apesar das condições desconhecidas (vasos de Corvilho, do Museu de Santo Tirso, por exemplo—⁽²⁶⁾—) ou algo ambíguas (por exemplo, vasos do cemitério luso-romano de Gulpilhares, Gaia, estação onde deve ter havido uma sobreposição em relação a uma necrópole anterior—⁽²⁷⁾—) em que têm sido encontrados, não há dúvida de que muitos se encaixariam bem num ambiente cultural da Idade do Bronze

⁽²¹⁾ V. Irisalva Moita, Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, vol. V, 1966, pp. 189-293 (nomeadamente est. VIII, IX e X).

⁽²²⁾ v. Vera Leisner e Leonel Ribeiro, Die dolmen von Carapito, *Madridrer Mitteilungen*, Vol. 9, 1968, pp. 11-62.

⁽²³⁾ V. Susana Oliveira Jorge, A Sepultura II do Tapado da Caldeira (Concelho de Baião), Porto, *Trabalhos do Instituto de Antropologia Br. Mendes Corrêa*, n.º 41, 1980.

⁽²⁴⁾ v., também, Maria de Jesus Sanches, Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia*, n.º 1, Junho de 1980, pp.12-19.

⁽²⁵⁾ Por Susana Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto, e Maria de Jesus Sanches, do GEAP.

⁽²⁶⁾ C. M. Faya Santarém, Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa. II — Espólio arqueológico do Corvilho — Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso*, vol. IV, n.º 2, 1956, pp. 169-177.

⁽²⁷⁾ José Fortes, Gaya no passado, *Mea Villa de Maya*, Porto, 1909, pp.10-12. Recentemente, foram retomadas escavações nesta estação, pelo Dr. Armando Coelho F. da Silva, da Faculdade de Letras do Porto, aguardando-se, com muito interesse, a publicação respectiva.

Antiga, ou mesmo Média. Significativo é o bordo largo, oblíquo, do vaso que estudamos, e que pode relacionar-se com os dos vasos das fossas abertas no saibro de Coto de la Laborada (Calvos de Randín, Museu de Orense) ⁽²⁸⁾, com fragmentos que apareceram nas escavações do povoado da Chã do Castro, num contexto «Penha» ⁽²⁹⁾, e com um fragmento de bordo também oblíquo encontrado em 1979 nas escavações da Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (curiosamente na periferia do monumento, e a pequena profundidade, mostrando tratar-se de uma peça sem relação com a construção ou utilização primária do mesmo). Essa tendência para o alargamento do bordo (que se nota em três outros fragmentos da estrutura periférica, a que nos referiremos a seguir), conjugada com as formas de bordo plano, recto, poderia ter conduzido aos conhecidos «vasos de largo bordo horizontal» ou «em forma de chapéu invertido», forma provavelmente evoluída, tardia, e específica de uma zona mais limitada do Noroeste peninsular (Minho sobretudo). Quatro vasos de largo bordo horizontal foram recentemente encontrados por Sierra Rodriguez numa mamoa da necrópole megalítica de Oirós (Pontevedra), nitidamente como intrusões no *tumulus* ⁽³⁰⁾.

Tudo isto nos leva a pôr a hipótese de, seja qual for a época em que foi construída a anta da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (época que não nos repugnaria considerar tardia, e posterior à das outras mamoas da mesma chã, sobretudo das n.^{os} 2 e 3), a sua estrutura periférica ser do Bronze Antigo ou Médio. Passando despercebida aos violadores do megalito, essa estrutura pôde conservar-se relativamente intacta até hoje, selando claramente, debaixo do seu pavimento, um vaso de características evolucionadas. Tratar-se-ia de uma Oferenda funerária, que o ritual obrigava a que ficasse depositada (possivelmente já partida, e incompleta) sob a estrutura, ou seria antes um vaso abandonado durante uma utilização anterior do local? Não sabemos ⁽³¹⁾. Em qualquer dos casos, se nos lembrarmos de que nada indicava, entre a mamoa propriamente dita e aquela estrutura, sobreposições construtivas, mas antes uma mesma técnica na elaboração do lajeado, que era contínuo, temos mais um argumento para pensar a totalidade deste monumento como uma solução

⁽²⁸⁾ v. Florentino Lopez Cuevillas, Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho bordo horizontal, *Boletín de la Comisión Provincial de Mon. Hist. y Art. de Orense*, t. XVI, Jan.-Junho 1974, fasc. 1.

⁽²⁹⁾ V., sobre esta estação, Susana Oliveira Jorge e J. J. Rigaud de Sousa, Resultados preliminares de uma sondagem na estação arqueológica da Chã do Castro (Amares, Braga), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 1, 1980, pp.121-131; Susana Oliveira Jorge, Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro (Amares, Braga), *Rev. Guimarães*, vol. LXXXIX, pp.281-292.

⁽³⁰⁾ Informação do autor, prestada durante um colóquio efectuado por ocasião do II Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Santiago de Compostela, Setembro de 1980). Aguarda-se com muito interesse a publicação dos resultados das escavações nesta necrópole, que parece ser a mais bem estudada da Galiza, constituindo um elemento importante para comparação com a da Aboboreira.

⁽³¹⁾ Em carta datada de 6.2.81, o Sr. Prof. Eng.º Rui P. Ricardo, Director do Centro de Pedologia do Instituto Superior de Agronomia (Lisboa), comunica-nos o seguinte, sobre uma amostra de terra retirada da zona em que apareceram os fragmentos do vaso em causa: «A amostra contém 0,16 % de P₂O₅ (assim como 13,7 % de matéria orgânica), valores que são coincidentes com os que têm sido obtidos nas variadas amostras de terra trazidas das escavações arqueológicas de Baião e entre tanto já analisadas. Estes resultados não dão nenhuma indicação de enriquecimento do material em fósforo e, portanto, não facultam qualquer pista relativamente à possível associação deste com um acto de enterramento.» Agradecemos vivamente àquele Professor e seus colaboradores, Eng.^{os} Valeriano Madeira e Bettencourt Medina, a importante colaboração que nos vêm prestando.

evoluída, talvez já da Idade do Bronze, onde uma câmara poligonal, ainda de enterramento colectivo, ostentava já certas características que a distinguíam dos pequenos «ossuários» comunitários anteriores — maior espaço sepulcral, carácter mais plano, monumento mais baixo, permitindo uma mais fácil remoção da tampa aquando dos enterramentos (ao modo das cistas). Trata-se, como é óbvio, de uma mera hipótese de trabalho, a ser confirmada ou infirmada por futuras pesquisas.

— 3 fragmentos de bordos, medianamente largos, de vasos.

1 (Est. XVIII, 1, A) —Localização: B11; x —1,80 m; y — 0,89 m; z — 3,13 m. Encontrado no exterior da grande laje do Alí, junto ao seu topo norte, na terra vegetal sob o lajeado.

Dimensões: altura máxima — 3 cm; largura máxima — 3,2 cm; espessura máxima — 0,6 cm.

Pasta de textura compacta, com desengordurante constituído por grãos de quartzo de calibre médio e pequenas palhetas de mica. Cor castanho-escuro nas superfícies, e castanho-clara nas fracturas. Superfícies muito alisadas, macias ao tacto. Bordo oblíquo, com cerca de 9 mm. de largura, pertencente a um vaso com cerca de 13 cm. de diâmetro na boca.

2 (Est. XVIII, 1, B) —Localização — foi encontrado ao lado do anterior, e ao mesmo nível.

Dimensões: alt. máx. — 2 cm; larg. máx. — 2 cm; esp. máx. — 0,7 cm. Pasta do mesmo tipo da do anterior. Cor castanha nas superfícies, e castanho-clara nas fracturas (núcleo castanho alaranjado). Superfícies alisadas, ligeiramente rugosas ao tacto. Bordo horizontal, com cerca de 8 mm. de largo.

3 — Localização: A11; x — 0,10 m; y — 0,90 m; z — 3,18 m. Encon-

trado sob o topo norte da grande laje deste quadrado, muito perto dos anteriores fragmentos.

Dimensões: alt. máx. — 2 cm; larg. máx. — 2 cm; esp. máx. — 0,7 cm.

Pasta do mesmo tipo da do anterior. Cor castanha nas superfícies, castanho-alaranjada clara nas fracturas. Superfícies alisadas, ligeiramente rugosas ao tacto. Bordo oblíquo, com cerca de 8 mm. de largo.

Descrito o espólio mais importante da estrutura periférica, não deixa de ser interessante chamar a atenção para as afinidades dos quatro vasos aparecidos nesta estrutura, no que toca, evidentemente, à morfologia do bordo, que é relativamente largo em todos. Não custa pois admitir a sua relativa contemporaneidade.

Passamos agora a indicar os principais locais em que foram detectados *carvões* :

A2 — sob a grande laje da base do anel lítico de contrafortagem — cota 3,50 m;

A6 — sob a grande laje da base do anel lítico de contrafortagem (3 amostras, entre as cotas de 3,20 e 3,23 m.) e sob o esteio 1 da mesma câmara, na extremidade NNE desta (cota 3,11 m.);

A11 — Na camada de terra vegetal subjacente à grande laje «de entrada» da estrutura periférica (5 mostras, à cota média de 3,20 m.) e junto da mesma laje, sob o pavimento (2 amostras, à cota de 3,16 m.). Trata-se da mais importante concentração de carvões encontrada nos trabalhos; infelizmente, a sua pouca profundidade em relação ao nível

superior do terreno (cerca de 34 cm., em média) e a profundidade de raízes existentes sob e em torno da grande laje mencionada, retiram-lhes muito do seu interesse para uma eventual datação pelo C14. Igualmente desinteressantes são os carvões, acima citados, provenientes do fundo da câmara dolménica, estes por se encontrarem em sedimentos profundamente revolvidos por violadores;

B10 — Sob o lajeado, à cota de 3,09 m;

B11 — Sob o lajeado também, entre as cotas de 3,03 e 3,30 m. (3 amostras);

C11 — Igualmente na camada de terra vegetal subjacente ao lajeado, à cota de 3,09 m.;

N6 — No interior da câmara dolménica, às cotas de 2,81 m., 2,91 m. e 3,40 m.

Esta terceira amostra provém também do fundo da câmara, junto ao granito da base.

Durante as escavações foram ainda recolhidos elementos vegetais carbonizados, que foram enviados, para análise e classificação, ao Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional ⁽³²⁾, nos seguintes locais :

1-A1 — à cota de 3,20 m; carvões de uma folhosa (*Quercus* ou outro género) (?);

2-A11 — sob a extremidade sul da grande laje deste quadrado, à cota de 3,20 m.; entrenó bolbiforme de *Arrhenatherum elatius* var.;

3-A11 — junto à mesma laje, na terra vegetal sob o pavimento, à cota de 3,14 m.; idem;

4-B11 — sob o lajeado, à cota de 3,20 m; idem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A continuação das escavações em monumentos megalíticos da Serra da Aboboreira mostrará se o polimorfismo notado em Outeiro de Gregos é a regra geral, ou, pelo contrário, uma excepção. Inclina-mo-nos porém mais para a primeira hipótese. Em Outeiro de Ante, a Mamoa 3, por nós escavada em 1978, assemelha-se em muito às Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos; nas suas proximidades existem outras duas mamoas que parecem situar-se em pólos extremos, no que diz respeito às dimensões e forma de implantação. Enquanto a Mamoa 1 é um monumento enorme (cerca de 20 m. de diâmetro no seu aspecto actual, seg. Domingos Cruz —op.cit. na nota 2, p.34), instalado sobre um afloramento granítico proeminente na paisagem (a mamoa é claramente visível mesmo na fotografia aérea de esc. aprox. 1/23.000), a Mamoa 2, escavada em 1979 por A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, pelo contrário, é de pequenas dimensões, baixa, com um *tumulus* de pouca espessura, e de novo nos surge instalada junto a um lameiro, tendo a forma do *tumulus* de compensar o declive do terreno.

Já no Concelho de Amarante, no Lameiro do Espinheiro, escavaram em 1979 os Dres. Eduardo Jorge L. da Silva e Ana Leite da Cunha,

⁽³²⁾ O Sr. Eng.º Pinto da Silva, em carta de 15.8.80, caracterizou vários elementos vegetais carbonizados, provenientes de um solo enterrado sob a Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, como «entrenós bolbiformes da base dos colmos da graminea *Arrhenatherum elatius* var. *tuberosum*, conhecida por erva-nozelha». Como se vê, as amostras 2, 3 e 4 da Mamoa 1 são classificáveis do mesmo modo. Agradecemos ao Sr. Eng.º Pinto da Silva a sua valiosa colaboração.

do GEAP, uma mamoa (n.º 1 da Abogalheira) ⁽³³⁾ que também apresenta as suas peculiaridades. Para só nos referirmos a algumas, é notório o facto de um anel de grandes blocos de pedra, existente em torno da câmara, não ter a mesma função do da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos (que é, como vimos, a de contraforte), mas assentar em cima de uma couraça de revestimento de um *tumulus* em terra. Qual era então a função desse anel? A palavra final será dada pelos escavadores, mas convém notar que também na Mamoa 3 de Outeiro de Gregos nos apareceram alguns grandes blocos na periferia da câmara, embora a certa distância dela, e claramente pousados sobre a couraça lítica, como documenta um dos cortes já publicado (op. cit. na nota 3, fig. 9). Tratar-se-ia, sobretudo na Mamoa 1 da Abogalheira, de um anel com uma finalidade puramente ritual — a de demarcar na paisagem o espaço sagrado da câmara, uma vez que é muito possível que tal anel tivesse ficado à vista desde a época da construção — ou teria ele uma função de conter um revestimento superior da câmara, em terra e/ou pedras, posteriormente desmontado pela erosão e por violadores? Seja como for, a Mamoa 1 da Abogalheira parece evidenciar uma construção mista, com *tumulus* em terra (embora de menor espessura do que o das mamoas 3 de Outeiro de Ante e 2 e 3 de Outeiro de Gregos), protegido por uma couraça lítica e, na periferia, travado por uma coroa de grandes lajes oblíquas (como, por exemplo, a da Mamoa 2 de Outeiro de Gregos, exemplarmente conservada na sua zona norte), sobre o qual, e em torno da câmara, se dispôs um anel lítico que, se exteriormente tinha o mesmo aspecto do da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, estruturalmente tinha uma feição bem diversa. Acrescente-se que na chã da Abogalheira existem outras duas mamoas, que muito conviria agora escavar, para melhor elucidar este problema do polimorfismo arquitectónico que estamos colocando. Longe de ser um fenómeno monótono, repetitivo, a arquitectura megalítica da Aboboreira — e, por extensão, a do Norte de Portugal — apresenta ricas variações estruturais em relação com a implantação no terreno e com a significação ritual dos monumentos, que importa continuar a estudar, com vista a uma apurada tipologia.

Para além dos factores evidentes apontados, explicar-se-á tal polimorfismo em termos unilineares, puramente diacrónicos, ou estaremos perante um leque de soluções contemporâneas? Ambas as explicações poderão de futuro intervir, num modelo que ainda estamos longe de ser capazes de montar. Mas o caminho que estamos trilhando — estudo completo dos monumentos, «varrimento» espacial da área da Aboboreira, em termos de prospecção e escavação, com vista à determinação das relações dos monumentos com o quadro físico em que inserem, e dos monumentos entre si — é sem dúvida o caminho certo para a superação do estádio tradicional dos conhecimentos, que revestiam um carácter duplamente abstracto: monumentos não inseridos num contexto espacial, e reduzidos, eles próprios, à estrutura central dolménica, muitas vezes só conhecida bidimensionalmente, em termos de planta. Ora, uma arquitectura, mesmo primitiva, é obviamente um volume, e um volume que não paira no ar, mas se insere noutros volumes, que são os da paisagem. E que esta não era indiferente aos construtores, mostra-nos o carácter constante da implantação dos monumentos, em chãs ou planaltos, frequentemente dispostos em núcleos. Ora, é muito natural que uma civilização de tipo neolítico, em que o homem se fixou mais intimamente ao solo, criando,

⁽³³⁾ Encontra-se no prelo, integrado na série de «Trabalhos» do GEAP (n.º 7), o estudo resultante desta escavação.

por um lado, a dicotomia entre o espaço humanizado do habitat e terrenos agricultados circundantes, e o espaço «caótico» da natureza selvagem, e, por outro, uma ordem temporal mais atenta ao suceder das estações, é muito natural, dizíamos, que tal civilização tivesse marcado o espaço com monumentos duráveis, cuja implantação tinha decerto uma significação religiosa, sendo uma das formas de humanizar esse espaço, de o transformar em «cosmos».

Neste sentido, o da determinação das formas de organização espacial dos construtores de megálitos, faz-nos gritante falta e conhecimento dos habitats. É caso para perguntar, por que razão são tão raros os nossos dados sobre tal assunto, em todas as áreas da Europa ricas em monumentos megalíticos? Se, entre nós, isso se pode dever a deficiências da pesquisa, já o mesmo argumento não é válido para regiões como a Bretanha, a Irlanda ou a Escócia, por exemplo, em que os monumentos megalíticos são infinitamente mais frequentes do que os possíveis habitats coevos.

Várias são as explicações possíveis. É sabido que, de um modo geral em toda a Europa atlântica, a primeira agricultura, praticada com sacho ou com uma forma primitiva de arado⁽³⁴⁾, prefere o que os ingleses denominam «light soils», isto é, solos pouco fundos e portanto mais fáceis de trabalhar com uma tecnologia elementar. Esgotando-se rapidamente, apesar da prática fertilizante do corte e queimada, tais solos teriam decerto de ser abandonados por períodos de tempo mais ou menos longos. O habitat seria assim necessariamente frágil, e temporário, necessitando essa agricultura de amplos espaços, não só devido a tal circulação, mas à procura de novas terras por comunidades resultantes da segmentação tribal, ela própria consequência do aumento demográfico que a economia neolítica acarretou. Temos aqui uma possível explicação (necessariamente simplista no seu esquematismo) para a expansão regional do megalitismo, para a escassez de dados sobre os seus habitats, e para a importância dos monumentos fúnebres comunitários. Numa sociedade movente (dentro de parâmetros ecológicos determinados pelo seu grau de desenvolvimento técnico) o túmulo, morada dos antepassados, era um factor de coesão dos grupos, e o ritual que lhe estava ligado seria certamente um elemento de integração social e de justificação ideológica de uma elite que possivelmente aspirava a impor-se, no seio de uma comunidade ainda predominantemente igualitária. É sabida a importância dos velhos nas sociedades agrícolas primitivas, em relação com o culto dos antepassados (eles são os mais experientes, mas sobretudo os que há mais tempo contribuíram para os excedentes comunitários imprescindíveis às novas sementeiras—⁽³⁵⁾—). Venerar os antepassados, últimos garantes da fertilidade da terra, em torno de um monumento que representava a estabilidade, o pólo organizador, centralizador, de um espaço humano provavelmente móvel, pode ter sido uma razão importante para a erecção de monumentos que representavam sem dúvida um esforço significativo em comunidades de tecnologia tão embrionária.

No caso específico da Aboboreira, idêntico ao de tantos outros conjuntos megalíticos que ocupam os *plateaux* do Entre-Douro-e-Minho, falta-nos, para além de prospecções mais intensivas, que irão continuar, uma documentação que exige meios técnicos pouco acessíveis: fotografia

⁽³⁴⁾ V. B. Orme, *Anthropology for Archaeologists*, Londres, Duckworth, 1981, p. 274.

⁽³⁵⁾ V. Claude Meillasoux, *Mulheres, Celeiros e Capitais*, Porto, ed. Afrontamento, s/d.

aérea de todo o *plateau*, feita com finalidade arqueológica, e análises palinológicas, nomeadamente dos solos enterrados sob os *tumuli* (caso, por exemplo, das mamoas 3 de Outeiro de Ante, e 2 e 3 de Outeiro de Gregos), que permitam ajuizar da utilização que os construtores de megalitos davam aos solos da Serra, nomeadamente das zonas de lameiros, onde há abundância de águas e onde se poderia ter efectuado uma agricultura complementada pelo pastoreio; mas toda essa interpretação está condicionada pelo nosso conhecimento dos paleo-climas, que facilitariam, ou não, a permanência do homem durante todo o ano em altitudes próximas dos 1.000 metros.

Assim, ainda hoje não nos podemos decidir, dada a ausência de elementos sobre a implantação dos povoados, e o nosso desconhecimento da paleo-climatologia, sobre um destes três modelos: existência de habitais próximos dos túmulos, movendo-se num terreno de *plateau* de que aqueles seriam, por assim dizer, os «pivots»; existência de habitais no vale, contrapostos às necrópoles da Serra (neste caso, a intensa ocupação posterior tê-los-ia destruído); existência de povoados de vale e de altitude (esta nomenclatura não deverá escamotear o fácil e rápido acesso às duas zonas, através dos estreitos vales que marcam a periferia de toda a Serra), com conseqüente movimento sazonal entre ambos, quiçá em relação com a prática da transumância.

Elaborado o «quadro das possibilidades» interpretativas, há que prosseguir o trabalho de campo nos próximos anos, tendente a tornar o «Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira» uma experiência-piloto para a Pré-história do Noroeste. E o que faremos, certos porém de que o estudo da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos terá sido, nesse percurso, um marco importante.